

Se os brasileiros ainda carecem de uma forte conscientização para se mobilizarem a favor da própria pátria e ainda não conseguiram enxergar o que lhes faltam, então, talvez, a saída seja analisar essa necessidade pelo ângulo da arte. Por isso, a artista plástica brasileira Sonia Lins, aos 84 anos, radicada na Europa, resolveu sair de lá, e vir para cá, com o intuito de mostrar aos brasileiros que é preciso se tornarem mães da mãe pátria chamada Brasil. E essa sua intenção está muito clara na exposição "Brasil passado a sujo", que poderá ser conferida a partir de hoje, no Centro Cultural dos Correios.

Multartista e dona de uma brilhante lucidez intelectual, Sonia é antes de tudo uma apaixonada por sua terra natal e se mostra sempre incansável para denunciar tantos descasos no Brasil. A última vez que tentou demonstrar essa sua preocupação foi na mostra "Zumbigos", exibida entre maio e agosto de 2002, no Museu Nacional de Belas Artes, quando tentou esclarecer a idéia de que as pessoas só pensam no próprio umbigo, ou melhor, somente no seu bem estar. E foi embarcando nessa inquietação, que Sonia viu nascer os primeiros passos para o que viria a se tornar esse novo trabalho.

Esta mostra é um belo convite para conhecer de perto a leitura dos trabalhos de Sonia Lins, que, apesar de irmã de Lygia Clark, tem sua notoriedade única nas artes plásticas. A título de curiosidade é bom saber que nos anos 50, Sonia visitou a irmã em Paris, e fez alguns guaches para passar o tempo, sem a pretensão de se tornar artista plástica. Deu tão certo que Lygia Clark os utilizou em três exposições, e sem perceber estava fazendo o mundo descobrir as virtudes artísticas de Sonia Lins. O trajeto demorou apenas cinco anos e, logo, Sonia resolveu abandonar a pintura e decidiu voltar escrever, o que é a sua verdadeira paixão. Com isso, passou a publicar seus escritos no suplemento dominical do "Jornal do Brasil" na década de 50 e, hoje, possui nove livros, nos quais convivem harmoniosamente texto, jogo de linguagem gráfica, desenhos e paisagens. Sonia envolve em suas obras a palavra, a linguagem gráfica e a confecção de objetos inusitados, como o guarda-chuva morcego, poemas editados num rolo de papel higiênico, ou um container em forma de seios para guardar leite. O BIS entrevistou Sonia para saber um pouco mais de seus pensamentos e sobre o que caracteriza essa nova exposição, confira abaixo.

BIS - Ser irmã de Lygia Clark foi de uma certa forma um passaporte para o mundo das artes plásticas?

SONIA LINS - Confesso que não levava muito a sério a arte de Lygia no início. A diferença entre nós, é que Lygia sempre foi disciplinada e eu só faço a coisa pelo prazer. Gosto do trabalho apenas para me colocar ocupada. Sou mais livre e mais solta. Mas, sem dúvida, ela é um grande exemplo. Só que ela é conhecida internacionalmente, logo é natural que todos me identifiquem como a irmã de Lygia Clark.

Como nasceu a principal idéia para esse novo trabalho?

A minha leitura é feita somente através de jornais e busco muitas informações sobre exposições. Sempre quero saber o que está acontecendo no Brasil, quando não consigo fico desorientada. Num dia, li que na Indonésia estavam realizando uma mostra com cunho político. Daí pensei, porque não fazer uma exposição no Brasil que dissesse o quanto a política foi morta nesse País? Aliás, acredito que esse crime surgiu na ditadura, quando se revelou de fato a morte da política aqui. As pessoas não se preocupam com nada. Não fazem política. E quando me perguntam qual é o salário mínimo do Brasil, eu fico com vontade de responder.

Acho que a gente agora tem obrigação de fazer alguma coisa. O brasileiro pensa em tudo

Sonia Lins exhibe seu novo trabalho no Rio como forma de alerta aos cidadãos brasileiros

A denúncia do Brasil pela arte



Sonia Lins criou vários seres ilustrativos com a responsabilidade irônica e, ao mesmo tempo, lúdica de traduzir a problemática histórica, política e social em que vive o Brasil

menos na pátria, ele não tem essa filiação à pátria. Eis a minha preocupação nesse trabalho!

Sonia, por falar em política, o que dizer do governo Lula, mais precisamente do "Fome zero"?

Ninguém pensa realmente em ajudar a melhorar a vida do povo. É indispensável essa preocupação. Acho que seria melhor todos tomarem uma grande sopa de letrinha, porque todos precisam realmente de educação. Ainda é muito barato comer nesse País e ainda se pode comer bem com pouco, um macarrão, por

exemplo, sustenta e engorda. Existem mais fomes que precisam ser vistas, como a fome da cultura e da informação. E ainda vemos muita gente querendo ganhar dinheiro, procurando algo para fazer. Não acredito que as pessoas queiram viver só de esmola, porque ninguém dá mesmo. Barriga cheia e sem instrução de nada vai adiantar.

O que compõe essa mostra e de que maneira podemos observar o assunto em questão, ou seja a política como direcionamento de suas obras?

Começa pelo título "Brasil passado a sujo", quando se quer passar algo a limpo é sinal de que está sujo. Então, faço o contrário, exponho a sujeira para quem quiser ver e se possível analisar e tomar uma decisão de que precisa limpar. Essa consciência do sujo que precisa limpar pode ser estudada por quem quiser e por todos. Coloquei a idéia de três tendas para montar a minha instalação. Na primeira, "Terra desprometida", existe a concepção de um picadeiro, logo a idéia de circo como uma coisa lúdica, que pretende através das glebas dizer das reformas que nunca realmente foram efetivamente concretizadas no Brasil. Depois, vem a tenda "Demagogia", cheia de trechos de discursos de políticos brasileiros desde o início do século XX até hoje.

A demagogia é uma espécie de ciência do demônio que se transforma em corrupção. Na última tenda "Cor-opção" fiz um trabalho de fácil compreensão onde se pode entender a ligação entre os corruptos e a bandeira nacional. De um lado as cores do Brasil que vão sumindo até ficarem totalmente negras ao passo que imagens virtuais de estranhos seres sussurram suas corrupções. Fiz indivíduos irreconhecíveis, peguei nariz de um, boca de outro, até compor imagens transfiguradas. Por último, os visitantes verão o filme "Fome" com direção e fotografia de Walter Carvalho. "Fome" não é bem um filme, ele fica entre fotografia e filme. Será exibido numa plataforma e leva apenas cinco minutos. É um filme que mostra quatro homens que escrevem a palavra fome com grãos de milho no chão da Cinelândia, em seguida, vários pombos devoram esses grãos. Afirmando que ninguém vai ter dúvida para entender o que penso. Está tudo de prato feito.

O que é mais importante em sua produção artística?

Não projeto nada. Tudo vai surgindo da minha cabeça e, de repente, já está do lado de fora. Não consigo ficar parado e estou sempre produzindo alguma coisa. O mais importante para mim é saber se o que gosto está bem direcionado e com muita sinceridade. Acredito que quando a coisa é verdadeira, ela por si só toca no outro e pode fazer a diferença.

Atualmente, existem várias artes se preocupando em denunciar os problemas do Brasil. Esse seu trabalho não seria em vão já que todos tentam e não conseguem um efeito?

Prefiro insistir. Tudo que será visto nessa exposição faz parte de mim. É como se meu pensamento diante desses descasos pulsassem em cada detalhe. Prefiro insistir em dizer que todos precisam tomar parte na política desse País. De longe sofro com as notícias daqui. Tenho sede do que se passa aqui. Não posso ficar calada. A palavra sempre morou dentro de mim, e nessa mostra venho mais uma vez esclarecer que tenho tamanha devoção à ela.

BRASIL PASSADO A SUJO - Individual de Sonia Lins. Centro Cultural dos Correios (R. Visconde de Itaboraí, 20 - Centro - 2503-8770). De ter a dom., das 12h às 19h. Grátis. Até 1/6.